

OS MAL-DITOS XAVANTES: SINGULARIDADES NA FORMAÇÃO DE MEMÓRIAS EM UMA TORCIDA DE FUTEBOL

Luciano Jahnecka
Luiz Carlos Rigo

RESUMO

Compartilhando recordações sobre jogos, excursões e outros envolvimento produzidos pela prática torcedora, torcedores de futebol colocam em constante movimento fatos presenciados ou aqueles narrados. Através das orientações metodológicas da Participação Observante (Wacquant, 2002), nessa pesquisa propomos tensionar a eternização de uma memória xavante como algo pacífico e linear, bem como a constituição de uma essência do ser torcedor xavante. As memórias que estão colocadas permanentemente em disputa pelos indivíduos e subgrupos que compõem uma torcida permitem questionar a maneira totalizante e unificadora com que as idéias de identidade e memória coletiva passaram a descrever torcedores do Grêmio Esportivo Brasil.

Palavras-chave: memórias; torcedores de futebol; identidade.

ABSTRACT

Sharing memories about games, tours and other engagements produced by circulation fan, football fans put into motion presence facts or those narrated. Through the methodological guidelines of Participation Observance (Wacquant, 2002), this research proposes questioning Xavante's memory as something peaceful and linear, and the establishment of an essence of being fan Xavante. The memories that are permanently placed in dispute by individuals and groups that make up a crowd, allows to question the totalizing and unifying way in which the ideas of identity and collective memory began to describe fans of Grêmio Esportivo Brasil.

Key words: memories; football fans; identity.

RESUMEN

Compartiendo recuerdos de juegos, excursiones y otras producciones de la práctica hinchada, los aficionados de fútbol han puesto en marcha algunos hechos narrados por otros o mismo presenciados. Con orientaciones metodológicas de Participación Observante (Wacquant, 2002), esta investigación propone cuestionar las totalizaciones empleadas al Xavante como un recuerdo pacífico y linear, así como el establecimiento de una esencia de ser hincha Xavante. Los recuerdos están permanentemente en conflicto por parte de personas y grupos formadores de una hinchada permiten dudar de las totalizaciones y unificaciones de ideas como identidad y memoria colectiva empezaron a describir hinchas del Grêmio Esportivo Brasil.

Palabras-clave: memoria; hinchas; identidad.

Sobre memória e identidade

A memória é aquilo que nasce da experiência. Digo da experiência não apenas como algo observado, presenciado em determinado fato. Mais que isso, a memória como um processo em permanente construção é experimentada também através dos relatos orais, das figuras, fotos, vídeos, que são permanentemente elaborados a partir de um acontecimento. A memória é tanto aquilo que esquecemos quanto aquilo que lembramos, e o que lembramos também nos faz esquecer de outras coisas. Não preocupada com a Verdade, a memória é ponto de vista, criação, imaginação, construção, ou, diria ainda, preocupada com aquilo que a cerca e consigo mesmo, uma Verdade para aquilo que a cerca a cada momento. Um embate constante entre indivíduo e coletivo, entre sujeito e grupo ¹.

A memória conta aquilo que também nos torna o que somos e não outra coisa. Fala de nós, mas também fala do outro. É do tempo do agora, do tempo presente. Por isso que em sua criação, que se dá por formação de figuras, uma reminiscência é evocada quando aproximamos o atual com a(s) figura(s) associada a um determinado fato. É construída pelo Eu, mas também pelo Nós e pelo Eles.

A sociedade ocidental, marcada pelo fracionamento das identidades dos sujeitos², rompeu com os valores Iluministas de racionalidade questionados principalmente pós-holocausto judeu. Questionam-se identidades e memórias pela dissolução da noção de essência dos sujeitos, pelo ideal do sujeito racional no comando de sua vida, ocasionando assim um movimento de tensionamento dos sujeitos em suas relações sociais. A fácil idéia de que a globalização³ promoveria por si só fugacidades nas relações sociais visto o fluxo incessante de informações pelas grandes mídias, a dissolução das fronteiras nacionais, entre outros, permite argumentar que o ideal de intensas e superficiais relações vêm tomando força em um tempo desacreditado no ideal racional, do falecimento das instituições, do sufocante mercado de trabalho, ou seja, de um predominante (des)controle do indivíduo.

Ao mesmo tempo em que ocorre a produção de diferentes identidades que colocam os sujeitos em relações de pertencimento a um grupo, há um excesso de informações que cada vez mais afetam os grupos e produzem descontinuidades e rupturas em suas práticas. Frente a essa tensão racionalidade-controle-moralidade, o temor de perder-se ou de não se encontrar mais, a constituição de identidade vem fazendo com que as modas retrô, os museus, centros de memória⁴, ou melhor, aquilo

¹ Joel Candau (2001) propõe diferentes classificações e tipos de memória tanto em nível individual como em nível coletivo, ainda que essas categorias sejam permeáveis e afetadas umas pelas outras. Posteriormente irei problematizar alguns desses enquadramentos.

² O livro de Stuart Hall (2002) discute bem a questão do entendimento de identidade e das construções que rondam os sujeitos.

³ Estou entendendo por globalização o movimento de uma crescente compreensão de espaço e tempo e, “subjetivamente, pela crescente consciência de que o mundo é um só lugar”, partindo de Robertson via Giulianotti (2003, p. 46). Isto não implica, conforme o próprio autor argumenta, na “homogeneização inexorável de gostos e práticas culturais ao redor do mundo” (p.47), ao contrário, há uma constante heterogeneidade de tais elementos baseados em dois fatores: a relativização cultural; e um fenômeno que ele chama de “glocalização”, em que as culturas locais transformam, adaptam, mudam os produtos e símbolos globais às suas necessidades particulares.

⁴ Márcia Mansor D’Aléssio (1993, p. 98) comenta aquilo que Pierre Nora chamou de “aceleração histórica” para “caracterizar esta situação em que o passado vai perdendo seu lugar para o presente eterno,

que venha pretensamente “resgatar o passado” ganhe espaço, tanto quanto aquilo que se produz novo, as criações. Ou as criações também não seriam estas reapropriações/transformações do passado?

Se nós estamos, de fato, sofrendo de um excesso de memória, devemos fazer um esforço para distinguir os passados usáveis dos passados dispensáveis. Precisamos de discriminação e rememoração produtiva e, ademais, a cultura de massa e a mídia virtual não são necessariamente incompatíveis com este objetivo. Mesmo que a amnésia seja um subproduto do ciberespaço, precisamos não permitir que o medo e o esquecimento nos dominem. Aí então, talvez, seja hora de lembrar o futuro, em vez de apenas nos preocuparmos com o futuro da memória. (HUYSSSEN, 2000, p. 37).

Nessa pesquisa propomos tensionar a eternização de uma memória *xavante* como algo pacífico e linear, bem como a constituição de uma essência *xavante*, enfrentando sem desespero essa tal perda de identidade, ou seria questionando também aquilo que é feito com essas contínuas mutações de identidades?

Pensar em identidades *xavantes* (no plural), significa compreender como vem se transformando, criando, singularizando, a torcida *xavante* como um todo. Não sendo apenas um grupo de indivíduos homogeneizado e homogeneizante que produz a tradição *xavante*.

A partir das criações de memória sobre, pela, para a torcida do Grêmio Esportivo Brasil (Brasil, daqui em diante) identificar como os torcedores lidam com essas construções e de que forma isso afeta as práticas torcedoras atuais, tendo em vista duas principais características que rotulam a torcida: fiel e violenta.

Tornando-se torcedor: a opção pela participação observante

Boa parte dos estudos etnográficos vem utilizando a *observação participante* como estratégia de investigação de pesquisa empírica, com a justificativa de uma maior aproximação da realidade estudada. A maneira com que Lóic Wacquant (2002) constrói sua etnografia realizada em uma academia de boxe em um bairro periférico da cidade de Chicago nos Estados Unidos supõe uma outra maneira de se relacionar com os sujeitos pesquisados, tendo em vista mais do que uma observação para analisar as relações sociais construídas naquele espaço, o autor envolve-se naquilo que mais entrelaça a vida dos sujeitos estudados, a prática do boxe.

Aparentemente, o boxe pouco tem a ver com as ações de uma torcida de futebol, entretanto a *participação observante* (PO) revela-se uma estratégia interessante de aproximação e inserção em uma torcida de futebol. Cantar, pular, xingar, não somente fazem parte de alguns dos rituais presentes nos jogos de futebol, assim como há toda uma intencionalidade e significação daqueles que apóiam um time de futebol, assim como o ato de torcer não fica restrito apenas ao espaço que por excelência é destinado a

trazendo a ameaça da perda da identidade”. Ademais, estamos lidando com o que Pierre Nora chamou de “lugares de memória”: “A questão histórica básica que norteia essa reflexão parece ser a já mencionada aceleração da história, com seu desdobramento, a mudança incessante e sua decorrência, a ameaça do esquecimento, situações que levam a uma obsessão pelo registro, pelos traços, pelos arquivos, em suma, pela história” (Idem, p.101).

participação efetiva dos torcedores. A prática torcedora tem se revelado uma prática de lazer tão mais séria e comprometida do que apenas um momento de diversão.

A fim de compreender os significados contidos nas relações que envolvem os torcedores: os descontentamentos de uma partida; os cantos, xingamentos, gritos, comentários; o desgaste corporal e mental decorrentes dos atos de torcer; as rivalidades com outros torcedores; enfim, algumas ações que podem ser melhor captadas através da PO.

A PO não se restringe aos momentos dentro do estádio, nas reuniões e encontros pré-jogo, ou ainda na realização de entrevistas semi-estruturadas – outra estratégia adotada para a realização da pesquisa. Levam-se em conta pequenos comentários feitos em conversas informais, nos encontros fora da prática torcedora⁵, e mais, por conta da importância dada aos meios eletrônicos pelos torcedores, dois sites da internet estão servindo como referência para interpretar e analisar os torcedores⁶ e efetivamente se constituir enquanto um torcedor.

Afinal, que diabos são esses *xavantes*?



Figura 01: Torcedores na arquibancada do Estádio Bento Freitas em dia de jogo. Foto: Luciano Jahnecka.

O Brasil, é um clube de futebol profissional fundado em 7 de setembro de 1911, surgido da iniciativa de operários na cidade de Pelotas no Rio Grande do Sul, sendo muito conhecido em âmbito estadual por ter uma torcida ao qual são atribuídas as características de fiel e violenta.

A palavra “xavante” começou a ser utilizada para designar os torcedores deste clube após um jogo pelo campeonato da cidade, disputado entre o Brasil e o seu maior rival, o Esporte Clube Pelotas, em 28 de julho de 1946. Deixemo-nos levar pela riqueza de detalhes de C.M.C.A (2007) ao narrar o episódio em uma entrevista⁷:

⁵ Encontros que não necessariamente dizem respeito ao ambiente torcedor, como os já presenciados chá de bebe, aniversários, etc., revelam-se importantes fontes de pesquisa tendo em vista o não constrangimento que alguns aparelhos utilizados na coleta de dados podem causar nos torcedores, como a máquina fotográfica e o gravador de voz.

⁶ São eles: www.orkut.com e www.forumxavante.com.

⁷ Para essa parte do trabalho foram realizadas duas entrevistas semi-estruturadas. A primeira se deu com C.M.C.A., feita devido a sua representatividade frente a alguns torcedores e dirigentes relatadas durante o período da pesquisa de campo que ocorreu no segundo semestre de 2007. Essa entrevista foi feita em 20 de dezembro de 2007 e conforme relatou o entrevistado, além de sua participação como presidente do Brasil em 1977, passou por diversos cargos desde 1959 atuando no clube até o ano de 2006 enquanto

Foi justamente num jogo contra o nosso arqui-rival, Esporte Clube Pelotas, em que o Brasil naquela oportunidade perdia por 3 a 1 e se o Pelotas ganhasse aquele jogo seria o tricampeão que ele perseguia desde o tempo da fundação deles. Não tinha sido tricampeão da cidade. O jogo se encerrava, ao terminar o primeiro tempo, um jogador do Brasil é expulso, nosso capitão, Chico Fuleiro, não é. E o Brasil foi então para o segundo tempo com menos um jogador e acabou virando o jogo [...] Esse Juvenal então marcou 1 gol, e daí começou a reação neste jogo, e o Brasil acabou ganhando de 5 a 3. A torcida ficou completamente maluca pelo fato de ter virado o jogo, não ter deixado nosso arqui-rival abdicar o título de tricampeão, quer dizer, derrubou, naquela época não tinha tela era talvez uma mureta. E um dirigente do Pelotas, em alusão eu acho aquelas reportagens que faziam na revista “O Cruzeiro” sobre os índios xavantes, disse que a torcida do Brasil eram uns bárbaros, mas em tom pejorativo, eles eram xavantes. Daí o torcedor pegou, se apropriou desse termo xavante[...] Eu não vi esse jogo, de 46 eu não fui ver. O meu irmão foi ver com o meu pai, me lembro perfeitamente bem. (C.M.C.A., 2007)

Na parte final deste trecho, conforme está grifada, nota-se como se dão algumas construções da memória. Mesmo o entrevistado não tendo presenciado aquele jogo, nos consegue relatar com uma riqueza de detalhes o fato. Gostaria de ressaltar uma forma de memória que contempla uma construção através dos relatos e da sociabilidade que está presente não só no meio futebolístico, mas nas diferentes práticas culturais. A memória é constituída por experiências conjuntas, aquilo que Mary Clark (1997) denominou de *memória compartilhada*, o que permite falarmos também de uma *memória coletiva* e/ou de uma *memória social*.

A formação de memórias nesse nível significa interpretar aquilo que foi visto de uma forma e não de outras tantas, e compartilhar acontecimentos com outras pessoas. Mesmo não tendo visto aquele acontecimento, C.M.C.A. (2007) lembra de forma a descrever como se o tivesse presenciado. As continuidades desse tipo de memória se dão pelo grupo e não somente por um indivíduo, ademais o que aconteceu em 1946 pode ser contado não só por alguém que vivia naquela época, mas também por aqueles sujeitos que há pouco tempo começaram a fazer parte do grupo de torcedores do clube, seja pela influência da tradição oral ou escrita, contando com detalhes determinados fatos não-presenciados.

Outro aspecto da memória a ser considerado quando ao contar esse episódio, assim como em outras fontes pesquisadas⁸, nota-se o tom generalizante e unificador do fato. Ainda que, nem todos tenham invadido – um espaço que não é seu – o campo de

dirigente. A outra foi realizada com torcedor T.S.B. também em 20 de dezembro de 2007. O segundo entrevistado tem 26 anos e desde os 13 frequenta o estádio do clube. Além de participar de excursões com outros torcedores para acompanhar o time nos jogos em outras cidades, T.S.B. possui um histórico de forte envolvimento com as ações da torcida. Conforme relatou na entrevista, recentemente passou a fazer parte do Conselho Deliberativo do Brasil.

⁸ Brasil Gigante. Pelotas: Phidias Gallo, 1970. Volumes 1, 2, 3 e 4; site do clube, em: www.brasildepelotas.com; SANTOS, Adilson Garcia dos. *Grêmio Esportivo Brasil*. Pelotas: Fama, 1997.

jogo e que de certa forma alguns torcedores não concordassem com tal atitude, passou-se a designar todos os torcedores dessa forma. E mais, o próprio clube atualmente é chamado de *xavante* em consequência do episódio de 46. Em suma, procurou-se atribuir algumas características que passaram a pré-conceituar os torcedores do Brasil, os “xavantes”, ou melhor, todos que tivessem alguma relação com o clube, dirigentes, torcedores, jogadores. Estes, os “xavantes”, já não são mais aqueles que invadiram e se comportaram “inadequadamente” para os valores morais da época, todavia, desde então, tudo que estava relacionado ao Brasil começou a ser remetido a referência de “xavante”.

Diferentemente aconteceu em como o termo *xavante* foi sendo apropriado, se inicialmente aquela palavra lembrava que um *xavante* seria um *mal comportado torcedor do Brasil*, houve uma descontinuidade que remeteria o *xavante*, a *ser torcedor do Brasil*, e mais, tudo que envolve este clube – atletas, o clube em si, diretores – é chamado de *xavante*. Tendo em vista o embate memória/esquecimento e daquilo que é ou não atribuído a alguma coisa, o “tom pejorativo” citado que remeteria algumas características dos torcedores do clube foi tentando ser esquecido, ao mesmo tempo em que foram incorporados outros elementos que caracterizariam os torcedores do Brasil. O uso dessa memória serviu para serem incorporados elementos como a *fidelidade* e a *bravura* dos torcedores, por exemplo, adotando outras características que seriam moralmente boas para o clube em detrimento de outras carregadas de valores morais negativos na sociedade moderna, como a violência.

Ainda que, o discurso gerado em torno da violência dos torcedores do Brasil não tenha sido mantido unicamente por esse episódio, o fácil valor que já estava apregoado aos torcedores serviria para induzir ou contar outros fatos envolvendo a torcida do Brasil principalmente por aqueles que tinham um contato superficial, leia-se principalmente pessoas que não freqüentavam o estádio e a grande mídia. Ademais, os valores e símbolos contidos nas ações de parte dos torcedores são outros que não os contidos na ordem moral hegemônica vigente.⁹

Uma característica que também passou a dominar os discursos produzidos sobre os *xavantes*, é a *fidelidade*, que está ligada principalmente à idéia da quantidade de pessoas que freqüentam o estádio nos dias de jogos¹⁰ e da maneira com que elas se

⁹ No depoimento de C.M.C.A. notamos como se davam alguns episódios: “Não importava a classe, isso aí tava tudo misturado, era engraçado, levar uma coisa pra depois poder contar pros outros. Tem uma história até em 77 quando o Brasil retornava de Estrela com a vitória, o ônibus parou num desse bares, não sei se em Tapes, num local desse e tinha um desses caçadores que vinham caçar aqui no Taim aqueles marrecão, enfim, e eles botavam todo o produto da caça, tudo pendurado, assim em cima. Quando a torcida chegou e viu aquilo, tirou tudo. O cara quando saiu do bar não tinha nenhum marrecão”. Ao falar das excursões T.S.B. revela algumas intencionalidades de determinadas ações: “Teve épocas que quando nós voltávamos, principalmente em excursões grandes, não tinha um aberto, os paradores tudo fechado, era uma desgraça.” Prossegue ele: “o cara vai no parador e pega um pedaço de pastel, um refri e sai porta a fora. Isso até acontecia com esse intuito de comer mesmo, sabe. Mas muito do que acontecia era até por diversão, por bobagem, de arte. Parecia (sic) umas criança fazendo arte, sabe. De pegar um troço escondido e depois saía rindo. Não era porque precisava daquilo [...] Não é necessidade e também não é por maldade, tu entende o que eu quero dizer?”. Observamos aqui a contradição da moral problematizada por Kant através de Nietzsche, em que o posso querer alguma coisa e devo querer alguma coisa contribuem no falecimento de uma moral universal, e os atos não podendo ser medidos apenas por sua intencionalidade, mas sim por todas as consequências que acarretam. Para mais, consultar o clássico livro de Nietzsche (s/d) “A genealogia da moral”.

¹⁰ Em nota divulgada pelo site do clube em 19/10/07 informando a média de torcedores que vinham freqüentando o estádio durante o campeonato “Copa Paulo Rogério Amoretty”, surge o impressionante número de 8600 pessoas por jogo. Ainda que bastante questionável tendo em vista nossas observações em

envolvem quando torcem pelo Brasil, assim como no acompanhamento da equipe – excursões, como dizem os torcedores – em jogos que acontecem em outros estádios, comumente chamados de jogos “fora-de-casa”¹¹. Secundariamente – embora constantemente enaltecida nas conversas em dias de jogo, camisetas, faixas colocadas no estádio – podemos ainda inferir à *fidelidade* a afirmação de que um torcedor do Brasil é “100% Xavante”, de que não torce por outro clube, principalmente diz-se “anti-gre-nal”.¹²

Ao revelar e confrontar essas duas principais características que passaram a fazer parte da identificação dos torcedores do Brasil – violência e fidelidade – pode notar-se como a memória é fabricada por quem a utiliza para se referir a algo ou alguém. Se por um lado a *violência*, em função de seu valor moral *ruim* para aqueles que são denotados, tenta, talvez, não ser lembrada a priori, por outro a *fidelidade*, um valor *bom* para aquele que é fiel a algo, é constantemente evocada, enaltecida, entoada. Isso é claramente demonstrado no próprio estádio Bento Freitas, onde, na parte superior de uma das arquibancadas, está pintada de maneira sobressalente a seguinte frase: “a maior e mais fiel do interior”. Há vários sentidos que podemos dar a essa inscrição, contudo, principalmente a de um uso político da memória. Esta vem lembrar daquilo que foi se construindo ao longo dos anos e que não deve se perder. Está ali para lembrar os torcedores de que eles são *fiéis*; de que se não são, deveriam ser; lembrar também aos

campo, pode-se dizer que o número de pessoas que freqüentavam os jogos era considerável, superando, talvez, a média de público de muitas partidas da primeira divisão do campeonato brasileiro de futebol profissional de 2007 que, em suma, por alguns valores impregnados no pensamento ocidental hegemônico, é o campeonato mais valorizado do país como a própria notícia do site anuncia ao comparar: “G.E. Brasil tem público de série A”. Isso tendo em vista o entorno político, cultural, econômico que envolve um campeonato brasileiro da primeira divisão, ou série A.

¹¹ As torcidas de clubes das cidades do interior do estado do Rio Grande do Sul, leia-se todas as cidades do estado excetuando Porto Alegre, geralmente não iam aos jogos de suas equipes durante todo um campeonato disputado. Há um histórico significativo de grande quantidade de torcedores que viajavam para assistir os jogos do Brasil em outras cidades, informados através das duas entrevistas que fizemos no segundo semestre de 2007, bem como em outras fontes consultadas, citadas já em outra nota-de-rodapé. No campeonato de âmbito estadual acompanhado durante o segundo semestre de 2007, citado na nota anterior, observou-se que na “primeira fase” da competição nenhuma torcida foi até o estádio Bento Freitas (nome do estádio do Brasil), por sua vez, alguns torcedores do Brasil fizeram excursões em alguns jogos do Brasil em outras cidades. Situação um pouco diferente da “segunda fase” da referida competição, quando em dois dos três jogos realizados no estádio Bento Freitas tiveram participação de torcedores de outro clube. É necessário referenciar aqui também um maior afastamento da cidade de Pelotas das cidades dos outros clubes que participaram deste campeonato, dificultando, talvez, as excursões desses torcedores, visto que existe uma proximidade entre as cidades desses outros clubes. Embora, há uma forte inclinação para supor que, de fato, não aconteciam excursões dos torcedores das outras equipes mesmo nos jogos não realizados em Pelotas.

¹² São diversos os torcedores do Brasil que têm aversão aos dois times da cidade de Porto Alegre que disputam o campeonato nacional, o Grêmio Foot-ball Porto Alegrense (Grêmio) e o Sport Club Internacional (Inter). Quando estes dois se enfrentam diz-se que é o clássico “gre-nal”. Contudo, no Rio Grande do Sul acontece um fenômeno interessante quando os dois clubes vão jogar em outras cidades enfrentando os times locais. Mesmo o clube jogando em seu estádio, o número de torcedores seja de Inter, seja de Grêmio, é geralmente maior que os do clube local, exceção feita à cidade de Pelotas, onde os torcedores do Brasil superam os de Grêmio e Inter. Em dias de jogos observou-se faixas do tipo: “Anti-grenal”, “grenal é moda, xavante é foda”; o uso de camisetas que contendo frases: “100% xavante”, “nem gre, nem nal, valorizo minha cidade até o final”; entre outras demonstrações de um movimento “anti-grenalização”, embora existam alguns torcedores do Brasil que também torcem para estes dois outros clubes. Para maiores considerações ver outro trabalho publicado, intitulado: “Pistas teóricas na construção de memória e tradição xavante”, (Jahneka, Silva e Rigo, 2007).

outros, quem foram e são os torcedores do clube; em suma, a *fidelidade* é uma característica que deve permanecer associada aos torcedores do Brasil.

Discutindo memória coletiva

A idéia de “memória coletiva” passa por um enunciado que um grupo de pessoas tem sobre seu próprio grupo, pretensamente comum a todos os membros, na medida em que alguns torcedores do Brasil se apropriaram da denominação pejorativa apregoada ao seu comportamento nesse jogo. Essa memória é construída por uma parcela de membros do grupo, uma memória oficial, mesmo que existam divergências entre eles. Os indivíduos têm diferentes representações da origem, da história de um mesmo grupo, mesmo havendo certo consenso. O que, por exemplo, no caso da torcida “xavante”, para alguns, pode ter surgido em um certo jogo, para outros, já existia, ou ainda, se o comportamento pode não ter sido bem aceito nem mesmo para aqueles que apoiavam o time, para outros, foi motivo para criar uma característica, que se não existia, passou a ser um diferenciador daqueles torcedores frente aos demais.

O uso de uma denominação dada como “memória coletiva” poderia indicar que temos uma generalização e uma organização de memória frente a um grupo de pessoas que atinge mais ou menos indivíduos destes torcedores. Quando falamos em “memória xavante” significa dizer que é uma representação daquilo que foi produzido supostamente por todos os torcedores do Brasil. Esta idéia de uma generalização supõe que alguns conjuntos de recordações da história foram colocados em um primeiro plano de representação de memória, uma memória coletiva, em detrimento de um ou mais conjuntos menos aceitos pelo grupo.

Joel Candau demonstra a proximidade e mesmo a inclusão de memória coletiva como uma retórica holista que seriam “as totalizações que procedemos empregando termos, expressões e figuras que tendem a designar conjuntos supostos aproximadamente estáveis, duráveis e homogêneos” (2001, p, 26)¹³. Começo então a pensar em que medida as memórias de parte de um grupo podem influenciar as memórias de outros membros do mesmo grupo? É frágil e imprecisa uma definição de “memória coletiva”, entretanto, em certa medida, funciona como elemento unificador do grupo. Passando para uma outra denominação que envolve a memória, poderíamos chamar essa significação de uma metamemória¹⁴ de representação coletiva, porém nesse caso, seria uma representação hipotética e não tão comprovada quanto à primeira,

¹³ Tradução minha da citação: “las totalizaciones a las que procedemos empleando términos, expresiones y figuras tendientes a designar conjuntos supuestos aproximadamente estables, durables y homogéneos”.

¹⁴ Joel Candau propõe três manifestações/classificações de memória individual bem caracterizadas. Elas não são excludentes entre si, se relacionam, se interpelam. Um primeiro tipo, chamada de *protomemória*, ou memória de baixo nível, uma memória procedimental, repetitiva ou memória-hábito (Bergson). São esquemas adquiridos ao longo, principalmente dos primeiros anos de socialização, estruturas gestuais e verbais, quase imperceptíveis, sem tomada de consciência pelo indivíduo. Ao passo que a *memória de recordação*, de alto nível, memória propriamente dita, é considerada uma memória de evocação involuntária, são nossos saberes, valores, crenças, uma memória dos conhecimentos. “A metamemória e a memória de alto nível dependem diretamente da faculdade da memória. A metamemória é uma representação desta faculdade”, tradução de: “La protomemoria y la memoria de alto nivel dependen directamente de la *facultad* de memoria. La metamemoria es una *representación* acerca de esta *facultad*” (CANDAU, 2001, p. 21 – grifo do autor). Sendo assim, Candau apresenta uma última manifestação de memória a qual chama de *metamemória*, que seria a representação que um indivíduo tem de sua própria memória. Fica evidente que as manifestações individuais, por mais que sejam construídas pelo indivíduo e seu íntimo, sofrem incessantes influências das relações de grupo.

porque é coletiva, isso pressupõe uma generalização, aumentando-se a complexidade de representação.

A representação desta memória é de algum modo parcial, incerta, e revela uma possibilidade entre outras tantas. A evocação não consegue a totalidade de uma dada recordação, assim, deixa de fora as manifestações não evocadas. Na representação de uma memória coletiva, ao mesmo tempo em que esta vem a ser totalizante e organizadora, exclui outras possibilidades de recordações do grupo deixando de ser construída em apenas um dado momento da vida dos membros do grupo, o que reduziria mais essa “memória xavante”.

A dificuldade que os sujeitos têm em descrever uma dada memória se confunde com o que eles pensam que os outros elementos do grupo recordam, uma influência dos outros na recordação de um depoente, criando assim uma característica coletiva de metamemória. Por outro lado, um elemento de representação coletiva compartilhado pelos vários indivíduos de um grupo serve como mediador para assumir e alcançar uma característica realista de memória. Uma breve linha separa o que efetivamente vem a ser uma construção própria dos elementos do grupo (memória coletiva) daquilo que alguns indivíduos podem pensar em ser representativo para os demais membros do grupo (metamemória).

Mesmo que alguns torcedores não tenham se identificado em certo momento com aquele fato ou um conjunto de fatos que passaram a designar a todos os torcedores do Brasil, o que se verifica nesse momento é uma sobrevivência dessa representação do grupo. A própria denominação de “xavante” pressupõe uma generalização que poderia não ser assumida por alguns torcedores do Brasil.

Quando falamos em memória coletiva uma outra confusão apontada por Joel Candau (2001) verifica-se através de que alguns atos de memória coletiva não necessariamente representem uma memória coletiva, isto porque o ato de ter adentrado no campo ou, ainda, de agir violentamente, delimita uma certa área de circulação da memória, podendo assim ser ausente de significados para alguns membros da torcida, ou, ainda, assumir diferentes significados para os sujeitos.

Com isso, trazemos a discussão do grau de pertinência de uma retórica holista apontada por Candau, onde podemos pensar como poderíamos examinar um discurso de memória coletiva de um determinado grupo e sua estabilidade. O autor classifica em dois tipos as representações que podem remeter uma retórica holista: “representaciones factuales” e “representaciones semânticas”. A primeira seria uma representação mais forte e possivelmente com um grau de pertinência elevado, pois são representações da existência de certo acontecimento, o que nos levaria a crer que fosse compartilhado por um número grande de indivíduos. Já uma representação semântica seriam as representações atribuídas aos mesmos acontecimentos, o que nos indica, depois de toda uma discussão de memória coletiva, que esse grau de pertinência é muito baixo, talvez até nulo.

Mesmo na criação do termo “xavante” seu significado pode ter assumido diferentes representações para os membros do grupo. A generalização feita sobre aquele acontecimento foi a de um comportamento inadequado para a época, contudo, a proibição e a permissividade nos comportamentos torcedores foram se alterando ao longo dos anos, o que de certa forma influenciou as atitudes xavantes.

Quando se procura atribuir a um grupo um conjunto de elementos que representem a sua história enquanto memória coletiva, esta generalização corre o risco de passar por demasiado reducionista. Uma maior atenção a estas considerações trazidas nessa discussão minimiza o distanciamento da representação da memória propriamente

significativa, de como as recordações são evocadas e transmitidas, a percepção do grau de influência e interferência dos próprios membros, o sentido atribuído a essa representação pelos vários elementos do grupo, entre outras. A partir daí, o que realmente representa uma memória coletiva? Ou ainda como ela foi formada por esse grupo? Até que ponto ela pertence a este grupo? Como ela foi armazenada e de que forma ela é evocada? Quais os elementos evocados? Enfim, alguns desafios os quais surgem ao pensarmos em uma “memória coletiva”.

Questionamos o modo como essa tradição xavante foi criada, entendendo a tradição não como algo fixo e invariável, que urge intacta e constante de um passado, mas na dinamicidade de possíveis variações que perpetuaram pela significação das pessoas que se apropriam das representações de um conjunto de fatos, histórias que foram promovendo rupturas e (des)continuidades nas *práticas torcedoras xavantes*. Afinal, uma possível denominação de tradição xavante sobrevive na significação que os torcedores fizeram sobre os fatos que marcaram as trajetórias desse grupo de pessoas.

Referências

- BRASIL GIGANTE. Volume 1. Pelotas: Phidias Gallo, 1970.
BRASIL GIGANTE. Volume 2. Pelotas: Phidias Gallo, 1970.
BRASIL GIGANTE. Volume 3. Pelotas: Phidias Gallo, 1970.
BRASIL GIGANTE. Volume 4. Pelotas: Phidias Gallo, 1970.
CANDAU, Joel. *Memoria e Identidad*. Buenos Aires: Del Sol, 2001.
CLARK, Mary M. Esquecendo Louise Rouget — O problema do individualismo, da coletividade e das lembranças não-compartilhadas na História Oral e na Cultura dos Estados Unidos. *Projeto História*, n.15. São Paulo: Educ - Editora da PUC-SP, p. 85-117, 1997.
D'ALÉSSIO, Márcia Mansor. Memória: leituras de M. Halbwachs e P. Nora. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v.13, n.25/26, p. 97-103, set. 1992, ago. 1993.
GIULIANOTTI, Richard. Globalização cultural nas fronteiras: o caso do futebol escocês. *História: questões & debates*. Curitiba, n. 39, p. 41- 64, 2003.
HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
HUYSSSEN, Andreas. *Seduzidos pela Memória*. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, 2000.
JAHNECKA, Luciano; SILVA, Méri Rosane Santos da; RIGO, Luiz Carlos. Pistas teóricas na construção de memória e tradição xavante. In: *Anais do XXVI Simpósio Nacional de Educação Física*. Pelotas: UFPel, 2007. Cd-rom.
NIETZSCHE, F. *A genealogia da moral*. Coleção Grandes Obras do Pensamento Universal. São Paulo: Escala, s/d.
SANTOS, Adilson Garcia dos. *Grêmio Esportivo Brasil*. Pelotas: Fama, 1997.
WACQUANT, Löic, J. D. *Corpo e Alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

Entrevistas:

C.M.C.A. 20/12/2007

T.S.B. 20/12/2007

Endereço para correspondência:
Rua Alm. Barroso, 3114 apto 302ª
CEP 96010-280
Centro, Pelotas RS.

jahnecka@ibest.com.br

Recursos utilizados: Datashow e equipamento de som.

